

HERFEH: MOSTANADSAB / 2014

“Profissão: Documentarista”

um filme de Shirin Barghnavard, Firouzeh Khosrovani, Farahnaz Sharifi, Mina Keshavarz, Sepideh Abtahi, Sahar Salahshoor, Nahid Rezaei

Realização: Shirin Barghnavard, Firouzeh Khosrovani, Farahnaz Sharifi, Mina Keshavarz, Sepideh Abtahi, Sahar Salahshoor, Nahid Rezaei / Argumento: Shirin Barghnavard, Firouzeh Khosrovani, Farahnaz Sharifi, Mina Keshavarz, Sepideh Abtahi, Sahar Salahshoor, Nahid Rezaei / Fotografia: M. Reza Jahan Panah / Montagem: Shirin Barghnavard, Farhnaz Sharifi, Sepideh Abtahi, Arian Mehdizadeh, Nahid Rezaei / Com: Shirin Barghnavard, Firouzeh Khosrovani, Farahnaz Sharifi, Mina Keshavarz, Sepideh Abtahi, Sahar Salahshoor, Nahid Rezaei, etc.

Produtores: Nahid Rezaei, Shirin Barghnavard (Irão, 2014) / Cópia: em DCP, cor, falada em persa, legendada em inglês e electronicamente em português / Título internacional: “Profession: Documentarist” / Duração: 80 minutos / Primeira Apresentação Pública: 11 de Junho de 2014 (Sheffield Doc/Fest) / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Com a exibição de **Herfeh: Mostanadsab** / “Profissão: Documentarista” encerramos finalmente o Ciclo “Tijolos e Espelhos: O Cinema Iraniano Revisitado”, que decorreu na Cinemateca em Fevereiro e Março. Não o tendo podido mostrar na sessão que fechava todo o Programa, a importância de **Herfeh: Mostanadsab** justifica a nossa vontade de o exhibir agora, mesmo se com alguns meses de atraso. **Herfeh: Mostanadsab** corresponde assim a um momento exemplar de um Ciclo (era o seu último filme, mas também o mais recente) cuja segunda parte, intitulada “Depois da Revolução”, procurou dar conta do que a revolução islâmica de 1979 fez ao cinema iraniano, e do que lhe retirou ao longo das quatro décadas seguintes. Como tão claramente escreveu Ehsan Khoshbakht a propósito do Programa do Ciclo, “1979. A revolução iraniana caiu nas mãos de islamistas. Está em curso uma purga, que força os cineastas à reforma antecipada, ao exílio e ao silêncio.” Pelo que assistimos a “uma história de resistência cultural, desobediência silenciosa e fricção”.

Datado de 2014, **Herfeh: Mostanadsab** é um documentário que faz parte dessa mesma história de resistência, levada a cabo por sete mulheres que enfrentaram todas as contrariedades e o risco da perda da sua própria liberdade para produzirem um objecto de uma independência e radicalidade extremas. Junta-se aqui o facto das autoras deste filme apresentado em nome colectivo serem sete mulheres que insistem numa “profissão” a que chamam de “documentarista”, no contexto de um meio e de uma sociedade avessos a dar-lhes voz.

Com um assumido fundo autobiográfico **Herfeh: Mostanadsab** reflecte sobre a vida e o trabalho destas cineastas, que exprimem à vez as suas histórias, preocupações e aspirações face a um Estado fortemente repressivo, mas há um traço comum que as une, para além da participação colectiva em diferentes funções nos vários filmes. As sete realizadoras traçam o retrato composto de um país através de um retrato das suas próprias experiências pessoais num registo quase diário, que impressiona muito particularmente pela coragem e pela paixão comum destas mulheres pelo cinema como meio de documentação do real, o que se revela extremamente perigoso no contexto iraniano.

Shirin Barghnavard, a autora do primeiro segmento, apresenta-nos uma guerra "silenciosa" no presente associando-a a uma infância vivida em plena guerra "Irão/Iraque". Perturba como nos mostra imagens fotográficas de uma família normal cujo quotidiano foi subitamente assolado por tal guerra passada, que se manifesta através do som, e que alterou radicalmente a vida de uma menina de cinco anos, que passou a ser dominada por bombardeamentos, deslocação e morte, e que vinte e quatro anos depois ainda ouve na Teerão em paz os sons de tal guerra. "Se uma nova guerra acontecer, quem a filmará?", pergunta a cineasta, remetendo para a sua própria experiência pessoal. Firouzeh Khosrovani, a autora da segunda parte, aborda sobretudo o medo, não da guerra, mas da censura, da polícia, da prisão,... Encontramo-la em casa, onde nos confessa o medo de ser parada no aeroporto, de as autoridades quererem ver os seus filmes, as mesmas que lhe dizem "que não deve prejudicar a reputação do Irão no exterior". Vemos imagens desses mesmos filmes, de lojistas a cortarem os seios aos manequins expostos, e pensamos o quanto arrisca.

Farahnaz Sharifi, a autora do terceiro segmento, centra-se na proibição da música na vida pública após a revolução islâmica, e de como a proibição em cantar levou a maior parte das cantoras a emigrar. Um dos momentos mais curiosos do filme é o recurso aos seus antigos arquivos familiares em vídeo, repletos de música e dança: "Fora de casa não podíamos fazer nada, em casa fartávamo-nos de ouvir música e de dançar", numa alusão ao contraste entre o espaço público e o espaço privado, cuja liberdade podemos ver nas imagens de arquivo resgatadas para este segmento, que contrastam com as imagens do presente das cineastas que envergam o exigido *hijab*. Mina Keshavarz, no seu segmento, traduz a tristeza sentida face à emigração massiva dos amigos e como resistiu até onde pôde, mas também como no presente o seu "único pensamento passou a ser emigrar", o que revela claramente a degradação do estado das coisas. Sepideh Abtahi, por sua vez, destaca a correlação entre uma perda pessoal e familiar e o início da revolução iraniana, procurando imagens da revolução ao mesmo tempo que procura insistentemente imagens da tia, que morreu quando tinha três anos e eclodiu a revolução. Nesse percurso mostra-nos as imagens que encontra: festejos revolucionários, o derrube de estátuas e a tia a dançar, uma dança que sabemos agora que estaria condenada. Já Sahar Salahshoor reflecte sobre a vida numa cela de prisão: a prisão que avista das janelas de sua casa, que de alguma forma também é para ela uma prisão. A metáfora é bem explicitada, relacionando as cortinas que é forçada a colocar nas janelas com a prisão vivida pelos seus próprios pais.

O último segmento, realizado por Nahid Rezaei, é aquele que melhor nos elucida sobre a natureza colectiva do projecto e sobre a importância desse mesmo colectivo. Nahid, com Shirin Barghnavard, a realizadora do primeiro dos sete filmes, acumula para lá das demais funções a de produtora. Com ela, conhecemos o espaço do escritório/atelier em que as cineastas se reúnem, mas que estão prestes a ter de abandonar, ou visitamos a Cinemateca local, para assistir aos filmes proibidos dos outros cineastas, que também se vê forçada a encerrar. O cerco aperta-se, tanto em termos da falta de liberdade, como da sua vida pessoal, mas Nahid Rezaei mantém o seu humor: "Estou perto dos 50 e embora não seja dada a depressões, decidi aprender a respirar melhor." As imagens de Nahid a fazer exercícios de respiração e a vertente tão confessional do seu testemunho, traduz-nos todo o alcance de um projecto, que se foi pensado colectivamente, não perde a sua forte expressão individual, nem abandona a esperança na mudança e em dias melhores.

Se Nahid Rezaei nos confessa abertamente os seus problemas e dúvidas existenciais, também nos deixa uma mensagem de felicidade. Uma mensagem de esperança face a um filme que nos revela sem rodeios o fardo que carregam estas mulheres que, contra tudo e todos, continuam a filmar. Acto de bravura num contexto que faz tudo para as limitar. Conhecemos o destino e o paradeiro de um cineasta como Jafar Panahi, e de vários outros conhecidos realizadores iranianos, mas não conhecemos o destas sete mulheres. Continuarão em liberdade e a filmar?

Joana Ascensão